

OS ADVÉRBIOS E O MENOR ELO*

Antonio Marmo da Cunha OLIVEIRA

ABSTRACT *This paper was drawn from an MA thesis on the syntax of the adverbs whose name is “Dos Advérbios” (On the Adverbs). This article is intended to explain the similarities and differences of the behaviour of such a category in Portuguese, English and French, i.e., the adverbial positions before and/or after the subject or object of a sentence, an intriguing matter since the advent of the minimal link condition, a central concept of modern syntactic theory. The framework assumed here is the minimalist programme as it is exposed in Chomsky (1995). In the following study, it has been shown that adverbs do not violate the minimal link condition and do move throughout the sentential structure.*

RESUMO *Este artigo extraiu-se¹ de uma dissertação de Mestrado que trata da sintaxe dos Advérbios e que se chama “Dos Advérbios”. O objetivo do presente artigo é tentar explicar as semelhanças e diferenças de comportamento desta categoria em Português, Inglês e Francês, ou seja, a colocação dos Advérbios antes e/ou após o sujeito ou objeto de uma frase, questão essa que se tornou intrigante dado um dos conceitos mais centrais da teoria sintática moderna: a condição do menor elo. O modelo teórico adotado é, portanto, o do programa minimalista de Chomsky (1995). A análise demonstrou que os Advérbios não violam a condição do menor elo e que de fato se movem pela estrutura da frase.*

1. INTRODUÇÃO

1.1. Dos fenômenos observados na bibliografia existente sobre Advérbios alguns são artefatos de suposições ligeiramente equivocadas. Outros deles, entretanto, pertencem ao mundo dos Advérbios de fato e de direito. Parte do trabalho em Oliveira (1996) (uma dissertação de Mestrado de título “Dos Advérbios”) consistiu em

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 29 de agosto de 1996, sob a orientação da Prof^a Dr^a Charlotte C. Galves.

¹ A leitura deste artigo de modo algum dispensa o leitor interessado de ler a referida dissertação. Na verdade, recomenda-se a leitura aprofundada da leitura da mesma após terminar a deste artigo a fim de entender o que diz o último.

identificar os pseudo-fenômenos baseando-se numa teoria gerativa e minimalista². Outra parte foi conceber um aparato que governasse esse conjunto de fenômenos verdadeiros.

1.2. Quicá o problema sintático geral dos Advérbios quem melhor traduziu em uma indagação teórica clara foi Travis (1988) que as seguintes questões formulou:

1.2.1. Como se legitimam os Advérbios?

1.2.2. Porque os Advérbios verdadeiros gozam de uma liberdade de ordem maior do que os Pseudo-Advérbios?

1.2.3. Porque a interpretação de alguns Advérbios varia de acordo com sua posição?

1.2.4. Porque os Advérbios se podem incluir dentro dos Sintagmas Verbais se não são acessórios do verbo?

1.2.5. Porque a ordenação relativa dos Advérbios é restrita?

1.3. Todas essas subjazem a todo e qualquer trabalho atual a cerca dos Advérbios, malgrado nem todos formularem-nas nos mesmos termos ou sob a mesma interpretação do fenômeno. O Minimalismo, contudo, estrategicamente preferiu reabordar o problema de um modo mais simples, ou seja, começando por questões bem mais específicas. Essas questões já apareceram antes em trabalhos que se poderiam rotular como pré-minimalistas. Explicitem-se essas questões mais simples e específicas e o modo como foram tratadas em trabalhos pré-minimalistas. Considerem-se os esquemas de frases de três idiomas distintos:

1.3.1. Inglês: *S + V + Advérbio + O

1.3.2. Francês: *S + Advérbio + V + O

1.3.3. Inglês: S + Advérbio + V + O

1.3.4. Francês: S + V + Advérbio + O

1.4. Uma noção teórica capaz de explicar essas diferenças está em Stowell (1981) que formulou a idéia de um requisito de contiguidade, isto é, a condição da adjacência para haver a atribuição de caso, de modo que o atribuidor e o receptor não poderiam vir separados um do outro por um terceiro elemento. Na verdade, o requisito (ou condição da adjacência) foi empiricamente justificado pelo comportamento dos Advérbios e não propriamente elaborado para explicá-lo.

1.5. Todavia, em Stowell (1981) as sobreditas diferenças de colocação adverbial foram mencionadas como uma possível contra-prova ou restrição ao seu requisito da adjacência. Somente mais tarde é que este problema seria considerado um fenômeno ligado à condição do menor elo a qual. Nessa etapa da teoria da regência e da ligação em que estava Stowell (1981) não parecia haver um modo eficaz de se parametrizar a adjacência se verdadeiro fosse o dito requisito. Em termos do Minimalismo atual poder-se-ia dizer que toda relação de atribuição de caso tem de ser mais ou menos íntima, o que traz em si a idéia básica do requisito da adjacência. Entretanto, Chomsky (1995) a cerca de Stowell (1981) diz que:

a abordagem geral é problemática para os pressupostos minimalistas. O modelo não comporta a condição da adjacência.

² Para uma correspondência entre os termos técnicos minimalistas do Português e do Inglês, ver Oliveira (1996).

1.6. Pollock em um artigo de 1989 propôs à explicação de Stowell uma alternativa diferente, relacionando riqueza morfológica com os papéis- θ . Tem-se, contudo, de lapidar algumas de suas colocações e aproveitá-las de modo reinterpretado à luz do Minimalismo. Deveras, várias suposições hoje estão totalmente derrubadas, como a idéia de que pode haver um adjunto à direita ou à esquerda conforme um parâmetro outrora pensado de ordenação do núcleo. A riqueza morfológica terá a ver com a conferição de traços e não com papéis- θ .

1.7. Travis (1988) ocupou-se com a legitimação dos Advérbios esperando com isso resolver questões da ordem dos Advérbios, questões que ela colocou como de distribuição. Sua proposta foi de que um traço do núcleo legitima os Advérbios. Concebeu-se tal idéia dentro de uma perspectiva pré-minimalista, quando costumava trabalhar-se com a regra de afetar- α . Para ela os Advérbios não são expansões máximas e que não são legitimados nem por atribuição temática nem por predicação mas por um traço do núcleo. Essa proposta é em parte inaceitável, em parte correta. Oliveira (1996) concorda com Travis (1988) nas observações feitas, entre estas a de que os Sintagmas Preposicionados e outros Pseudo-Advérbios atuam de maneira bem diferente dos Sintagmas Adverbiais verdadeiros. Entretanto, não há razões empíricas para pensar-se neles como uma categoria incapaz de expandir-se, como demonstra Oliveira (1996). Além do mais, dentro do Minimalismo não há teoricamente nenhuma categoria que seja inerentemente máxima ou mínima, qualquer categoria vem a expandir-se desde que efetuadas certas operações. A idéia de que haja legitimação por um traço nuclear no Minimalismo será das mais básicas e aceites, embora pelo anos oitenta pudesse para alguns parecer uma excepcionalidade ou coisa mui extraordinária. Por essas e outras considerações, o Minimalismo retomou o caminho apontado por Stowell e Pollock, nadando na contramão das correntes de estudo dos Advérbios. Os autores que recolocaram o problema em termos mais básicos foram Chomsky e Abe³.

2. SOB O MINIMALISMO

1.1. Chomsky (1993 & 95) refez a explicação de Stowell (1981) em termos da condição do menor elo. Para Chomsky um Advérbio como adjunto de V” em

1.1.1. [V1v°[V”[Adv” V’[t1 D”]]]

estorvaria o movimento de D” para v” por violar a condição do menor elo.

1.2. Chomsky considera o Advérbio nesse contexto um acessório do Verbo, um elemento L-relacionado. O conceito de L-relação em Chomsky(1993) definia-se assim:

1.2.1. Uma posição se L-relaciona a outra que tenha traço L se tiver com ela um relacionamento bem íntimo e esteja dentro do campo de conferição do núcleo dela.

1.3. A condição do menor elo dependia dessa L-relação, ou seja, em um caso como este a vez na fila seria do elemento L-relacionado que estivesse acima do objeto. O objeto do Verbo teria de esperar a vez do Advérbio subir, para depois subir e receber o caso acusativo. Sem se conferir o traço de caso do objeto a derivação colide. Ora, como

³ Ver Abe (1994)

o Advérbio não precisa subir, não subirá e o objeto ficará para sempre no mesmo lugar sem poder conferir seu traço de caso, o que causará a colisão. A subida do Verbo não criará um campo mínimo de um tamanho suficiente para superar essa restrição imposta pela condição do menor elo.

1.4. Chomsky enceta suas colocações ponderando que estruturas do tipo em que há um advérbio poderiam obter-se tanto por casamento quanto por movimento. A segunda possibilidade já se descarta pelo princípio da gana, visto que os Advérbios não lhe parecem ter nenhuma propriedade morfológica que requiera movimento. Há evidências empíricas de que também não formam cadeias. Deste modo, não se deduz que um advérbio em posição pré-I' advenha de outra posição mais baixa. A única opção, pois, é para ele o casamento. Se casado o Advérbio ao Sintagma Verbal, considiera Chomsky (1995), este estorvaria a subida do objeto direto que teria de aguardar a subida do Advérbio para depois poder mover-se. Como o Advérbio não tem traços que necessitem de conferição, o Advérbio impediria para sempre a subida do objeto, fazendo a derivação colidir. É justamente essa análise que foi contestada em Oliveira (1996).

3. COMPLICAÇÕES RESULTANTES

1.1. Viram-se anteriormente por cima soluções propostas por autores diversos para o problema das diversas ordens nas Línguas. Chomsky (1995) reformulou questões trazidas na década de oitenta sob um outro prisma.

1.2. Uma das soluções apresentadas, ou seja, a de Chomsky dizia que a impossibilidade de uma seqüência V+ Adv + Obj em Inglês se deve ao fato de que o Advérbio estorva o caminho do objeto até o Exo-verbo. Segundo tal explicação, a presença do Advérbio faz com que o movimento do D'objeto ao v viole a condição do menor elo. Existem várias objeções possíveis a tal explicação:

1.3. Chomsky tenta explicar a impossibilidade de uma estrutura "subjacente" V+ Adv +O, mas a evidência empírica para tal postulação não é "subjacente" mas "superficial", de forma que a explicação ora parece falar dos Cômputos Iniciais ora da forma final ouvida e o fato de não se poder colocar um Advérbio como adjunto do Verbo na estrutura subjacente prediz incorretamente que a ordem V+Obj+Adv também é agramatical em Inglês. No mais, tal explicação calca-se sobre o conceito de L-relação que não parece estar mais vigorando para explicar a condição do menor elo. É preciso entender-se que não tendo o Advérbio traços por conferir, não é atraído por nenhuma categoria mais alta, portanto, a vez de subir não é dele e condição do menor elo de fato não se viola. Ademais, a explicação de Chomsky (1995) não serve para fatos de outras Línguas cujos Advérbios se comportam diferentemente, tal qual o Francês ou o Português.

1.4. Expendam-se tais objeções. Em primeiro lugar, entenda-se o que ocorreria com uma "estrutura subjacente" como a mencionada. Veja-se o que resultaria de uma provável transformação:

1.4.1. [ADV'' V'[V° D'']]

1.4.2. [ADV'' V'[Vm° Dk'']] (v''[Dk'' V'[Vm°v°[V''[ADV'' V'[tm [tk]]]]])

1.5. A “estrutura subjacente” em (a) sofrendo a transformação em seguida causa a estrutura cuja ordem linear é

1.5.1. V+ O+ Adv.

1.6. De forma que, pela explicação de que o Advérbio estorva o movimento do Objeto porque tal movimento viola a condição do menor elo, não só a ordem V+Adv+O seria impossível em Inglês, mas também V+ O+ Adv. Ocorre que esta última é perfeitamente possível.

1.7. Quanto a condição do menor elo, é preciso ter em mente seu conceito. Eis uma das várias definições possíveis da condição do menor elo, de acordo com as diéias de Chomsky (1995):

1.7.1. Um a atrai um b se e somente se

1.7.1.1. a conferir os traços de b

1.7.1.2. e não houver um g mais próximo de a cujos traços a também possa conferir.

1.8. O conceito de L-relação não parece ser mais importante na fase atual do modelo. A condição do menor elo não mais se define por termos L-relacionados.

1.9. Chomsky diz que os Advérbios não têm traços que precisem ser conferidos. Na verdade, viu-se em Oliveira (1996) que há uma considerável possibilidade de que eles se movam. Em qualquer caso, para Chomsky o Advérbio será sempre imóvel, inserido por casamento e nunca movimento. Ora, se é imóvel, há de funcionar como um vestígio, isto é, não impedirá o movimento de outra categoria mais abaixo. Ele não está chegado a nenhuma categoria mais alta, porque nenhuma delas pode atrai-lo. Assim, ele não entra na fila dos termos a subirem, portanto, não toma a vez do objeto da frase. Assim, o movimento do D” não viola a condição do menor elo.

1.10. Ainda que fosse isso um fato, isto é, que o Advérbio estorvasse a subida do Objeto para spec de v”, o fato do objeto ser longo não resolveria o problema. A condição do menor elo nada tem de ver com a extensão dos Sintagmas. Logo, a ordem Adv +Olongo deveria ser impossível e não o é. Se se estipulasse arbitrariamente que os objetos mais extensos não têm traços a serem conferidos e por isso não precisam subir, decorreria que a ordem Olongo + Adv seria impossível, enquanto que de fato não o é. Se se dissesse que os D”s extensos podem subir ou não ou que às vezes sobem e às vezes não sobem, estaria descartando-se uma das idéias centrais do Minimalismo que é de que uma operação só se efetua se obrigatória.

1.10.1. Os leitores ficam ao fim de Chomsky (1995) com pelo menos duas dúvidas:

1.10.2. o fim da categoria AGR altera em alguma coisa suas considerações sobre os Advérbios?

1.11. A questão da diferença entre o Francês e o Inglês é mencionada por Chomsky de passagem, mas explicitamente ele não quis abordá-la. Abordar-se-á tal questão aqui, introduzindo-se uma terceira Língua na comparação: o Português.

1.12. Antes da abordagem da questão em si, algumas considerações preliminares mais gerais são necessárias.

4. CASCAS

1.1. Esta parte do artigo traz uma proposta de Oliveira (1996) que é um conjunto de elementos preliminares de natureza sintática que assistirão a resolução do problema, tratando da estrutura da frase portuguesa e das francesa e inglesa de um modo geral.

1.2. A primeira metade desses elementos são desenvolvimentos e relocalizações da teoria minimalista que se tornam necessários se se levam os pressupostos e afirmações teóricas do Minimalismo às últimas conseqüências. A segunda são asserções gerais a respeito da realidade frásica das três Línguas focadas. Portanto, a seção a seguir é, por assim dizer, mais de natureza teórica e a posterior mais empírica.

1.3. Antes de se abordar a questão da posição dos Advérbios na frase, tem-se de fazer três perguntas a respeito da estrutura sintagmática das Línguas:

1.3.1. onde se encontrarão as categorias casadas?

1.3.2. aonde irão os elementos movidos?

1.3.3. quais categorias estão no esqueleto funcional e são envolvidas no processo?

1.4. As duas primeiras se respondem por meio de uma breve exposição a respeito de quais posições criam os movimentos e a última com algo que será uma generalização das cascas larsonianas.

1.5. Respondido-se as primeiras, podem-se casar dois elementos e se se toma o final como núcleo a expandir-se, o primeiro será o adjunto do Sintagma. Entretanto, não existe somente adjunção por casamento, há uma adjunção que será um movimento. Um primeiro movimento de adjunção cria somente uma estrutura do tipo $X''[\text{spec } X'[\text{adjunto } X']]$, sendo o especificador sempre mais alto do que qualquer adjunto anteriormente casado. Uma segunda adjunção introduz outro especificador mais alto, porque todo movimento de adjunção sempre causa uma expansão, criando uma nova $X''[\text{spec2 } X'[\text{spec1 } X'[\text{adjunto } X'[X^\circ]]]$, sendo o segundo elemento movido o especificador mais alto. Destarte, o primeiro elemento movido é sempre o especificador mais baixo e o segundo o mais alto.

1.6. Finalmente para responder a terceira, Oliveira (1996), todavia, propôs uma generalização da teoria das cascas larsonianas. A proposição consiste de um recurso não só útil como obrigatório: aplicar o princípio da consistência teórica, ou melhor, o princípio de que as representações lingüísticas ou são simétricas ou anti-simétricas, mas nunca assimétricas. Como qualquer Ciência, a Lingüística procura e tem de procurar as regularidades e não as irregularidades. Mesmo que a aparência do sistema seja irregular, deve-se achar a regularidade por detrás dela. Postular-se somente a existência de um Verbo e um Exo-verbo seria irregular, pois em outras alturas da frase não se teria estruturas análogas de categoria e exo-categoria.

1.7. A aplicação dessa consistência, ou melhor, harmonia ou princípio de regularidade levará a supor que existam universalmente um T e um exo-tempo, representado por um t. Por analogia deverá haver um Complementador e um Exo-complementador. Se se preferir chamar os Complementadores de Operadores Funcionais, então existirão um Operador Funcional e um Exo-operador Funcional, a saber F e f. De forma que toda a estrutura frásica será de cascas larsonianas. A

representação do esquema de uma Teoria Generalizada das Cascas Larsonianas encontra-se em Oliveira (1996).

1.8. Essa generalização das cascas larsonianas leva a uma outra consequência: definir as mini-orações como d''s, ou seja, Exo-determinantes. Obviamente, como algumas frases não têm um v'' dominando o V'', as passivas por exemplo, nem todo D'' complemento de Verbo será uma mini-oração. Haverá opcionalmente no esqueleto um Neg'' entre dois Sintagmas nas negativas, conforme a Língua.⁴

1.9. Perguntar-se-á agora se esta generalização será válida mesmo ou se só se aplicará ao Tempo e ao Exo-tempo, não havendo o Exo-operador Funcional. Bem, as provas empíricas dessa generalização são muitas. Já Roberts foi um dos primeiros a falar de Línguas com dupla concordância, isto é, dois AGR''s. Inicialmente isso aplicava-se somente a um grupo determinado de Línguas. Depois generalizou-se que provavelmente todas as Línguas teriam AGRsujeito e AGRobjeto. Não se postulavam esses núcleos a mais à toa. O que levou a postulação deles não foi somente uma necessidade teórica mais premente, mas a principalmente força dos dados que indicavam haver pelo menos um quarto núcleo no esqueleto funcional além de C, T e AGR₁; AGR₂. Índícios de haver ainda um quinto núcleo levaram a postulação de um Sintagma Focal, tratando-se o foco como uma categoria. Chomsky chegou a propor o fim das categorias AGRs, mas deixou de lado as muitas evidências e provas empíricas que levaram à postulação delas. Assim, a generalização das cascas larsonianas não é só uma necessidade intelectual: há indícios de que o esqueleto funcional nu tenha mais do que dois Sintagmas, a saber T e C. Os indícios levam a supor pelo menos quatro nós no esqueleto funcional nu, que, de acordo com a generalização das cascas larsonianas, são os já mencionados f, F. Obviamente a proposta de generalização das cascas larsonianas não exclui o sistema de duplas de especificadores de Chomsky.

1.10. Essas foram considerações de ordem mais universal. Passe-se agora às particularidades das Línguas em questão. Em primeiro lugar tem-se de analisar um tanto a realidade morfológica de cada uma delas. Em uma escala de valores aferidos, parece que o Francês está entre o Inglês e o Português. Tanto o Inglês quanto o Francês não permitem a ocorrência de um sujeito oculto na frase, ao contrário do Português, por exemplo. Por outro lado, o Português e o Francês não têm Modais como o Inglês. A concordância de gênero em Inglês não aparece entre o Substantivo e o Adjetivo. Em Francês ela existe, mas raras vezes é ouvida. Em Português não só existe tal concordância como também se ouve a mesma. Portanto, a Língua cuja morfologia é mais rica entre as três é o Português, aqui não se considerando as muitas variedades dialetais⁵.

1.11. Assim, o sistema morfológico do francês é mais rico do que o do Inglês e evidentemente mais pobre do que o do Português. Isso quer dizer que em Francês o número de movimentos explícitos é maior do que em Inglês e menor do que em Português. Em Inglês o verbo move-se até T^o e lá permanece antes da lida. O Verbo em

⁴ Ver detalhes em Oliveira (1996).

⁵ Para mais detalhes ver Oliveira (1996).

Francês e em Português sobre a T° e depois ao t°. Já o Sujeito em Português vai a uma posição mais alta que o spec de t: o spec de F ou mesmo f conforme a frase.

1.12. Nas interrogativas o F° atrai o Modal do Inglês ou o Verbo do Francês, antepondo um destes ao sujeito. Como em Português o Sujeito estará no spec de F" não haverá o efeito Verbo + Sujeito do Francês. Ainda acontecerá algo a mais com as interrogativas do que em Francês ou em Inglês: um dos D"s subirá ao spec de f', isto é, ou o sujeito ou objeto ou o adjunto. Os objetos/adjuntos wh subirão necessariamente ao spec de f' (ou ao f°). Se a pergunta não contiver nenhum desses objetos ou adjuntos, o sujeito subirá para spec de f'.

1.13. As imperativas e negativas interrogativas derivam-se de um modo bem diverso das afirmativas e interrogativas em Português e nas demais Línguas analisadas. Para uma descrição detalhada da derivação das imperativas e negativas em Português e nas demais Línguas ver Oliveira (1996).

5. OS ADVÉRBIOS EM MOVIMENTO

1.1. Em Oliveira (1996) ficou demonstrado que os Advérbios não são inflexivos. Isso tem uma implicação séria quanto a possibilidade de haver ou não movimento adverbial. Veio-se supondo ao longo da literatura que de certa forma os Advérbios se colocam por meio de casamento e não movimento, dado que a hipótese é de que eles não tenham traços a conferir que motivem o movimento. Mas em Cinque (1996a) há a idéia de que os Advérbios se movem. Em Oliveira (1996) adotou-se tal idéia com resultados proveitosos. Enumerar-se-á um motivo aqui para supor que tal idéia seja correta. O motivo é de que não podem ocorrer dois Advérbios numa mesma frase, mas apenas dois Adjetivos dentro de um mesmo Sintagma Adverbial coordenados:

1.1.1. *Eu realmente não gosto do Dr. Frankenstein inteiramente.

1.1.2. *Eu realmente não gosto inteiramente do Dr. Frankenstein.

1.1.3. Eu sincera e honestamente detesto o Frankenstein.

1.2. Se os juízos de agramaticalidade das duas primeiras frases acima forem corretos, eles batem com o que ocorre com o movimento-wh:

1.2.1. *O que disse a Susana na secretária-eletrônica o que?

1.3. A agramaticalidade de frases assim deve-se ao fato de que os elementos-wh na posição inicial lá foram parar por moverem-se e deixarem um vestígio na posição inicial. O vestígio deles impede a colocação de outro elemento no mesmo lugar:

1.3.1. O que₁ disse a Susa na na secretária-eletrônica t₁?

1.4. De modo idêntico frases como:

1.4.1. *Eu realmente não gosto do Dr. Frankenstein inteiramente.

são agramaticais talvez porque se insere um outro Sintagma Adverbial em um lugar que provavelmente está um vestígio:

1.4.2. Eu realmente₁ não gosto do Dr. Frankenstein₁.

1.5. Pode-se, portanto, imaginar que definitivamente ocorre movimento dos Advérbios. O que poderia motivar os Sintagmas Adverbiais a subirem seria um traço qualquer por conveniência aqui chamado +M. Que categorias poderão conferi-lo? De

início categorias que possam ter um especificador com um Substantivo dentro, isto é, categorias que confirmam o traço +D. Serão então o v, o T, o t e o F. As evidências de que essas categorias confirmam um ou mais traços dos Advérbios são os resultados das pesquisas que os tentavam classificar em Advérbios de Frase, de Predicado, de Verbo, de Adjetivo, etc & Em uma frase cujo Cômputo Inicial inclua um Advérbio, pelo menos uma dessas categorias tem de ter um traço que aqui provisoriamente se representará pela variável +M', istoé, capacidade de conferir o traço +M ou a derivação colidirá. Não mais do que uma categoria +M' será necessária, entretanto.

1.6. Se o Advérbio se move , então fá-lo depois de terem subido o sujeito e o Verbo. Gerado como adjunto do Verbo, mover-se-á antes do objeto, por conta da questão da condição do menor elo. Se v tiver o poder de lhe conferir o traço +M ocorrerá o seguinte:

1.6.1. $[t_1 V''[Adv'' V'[t_1 D'']]] \Rightarrow v''[Adv''_2 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 D'']]]]$

Em seguida subirá o D_{objeto} que será então o segundo especificador de v'':

1.6.2. $[Adv''_2 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 D'']]] \Rightarrow \dots v''[D''_3 v'[Adv''_2 v'[t_1 V''[t_2 V'[t_1 t_3]]]]]$

1.7. Destarte, o objeto nunca pode estar abaixo do Advérbio em nenhuma das três Línguas focadas, quando o v verificar os traços do Advérbio. Para que o Advérbio se preponha ao objeto é preciso que T confira o traço +M, isto é, seja +M'.⁶ No caso anterior há uma opção que varia de acordo com a Língua. Se a opção de cima for o caso, isto é, se o verbo subir a T° e depois para t° o resultado será uma ordem V+ Adv+ O. É o caso do Português e do Francês. Entretanto, se o Verbo subir` até T° mas não a t° antes da lida, o resultado será uma ordem Adv+ V + O. Esse é o caso de uma ordem como a do Inglês em que não há ordem V+ Adv + O.

1.8. Se o t° for +M e atrair o Sintagma Adverbial o correrá algo inverso em uma Língua como o Francês. No Francês o sujeito é o primeiro elemento que se torna especificador de t°. Se t° puder atrair o Sintagma Adverbial, este será o segundo a adjungir-se e ipso facto acabará como o especificador mais alto. Assim, no Francês será impossível uma ordem S+ Adv+ V+ O, porque sempre o Advérbio atraído para t será o especificador mais alto. O Português difere do Francês nesse aspecto: o sujeito da frase acaba como especificador de F. Se é o t quem atrai o Advérbio então este acabará como um especificador de t, posição que está entre o F° e o complexo V°+ t°.

1.9. Agora expliquem-se os seguintes fenômenos com interrogativas:

1.9.1. Quem realmente você viu?

1.9.2. Quem você realmente viu?

1.9.3. Você realmente gosta disso?

1.9.4. Você gosta realmente disso?

1.9.5. *Realmente você gosta disso?

1.10. Já se disse que em Português ou o sujeito ou objeto/adjunto wh subirá ao spec de f°. Os objetos/adjuntos wh subirão sempre. Se a pergunta não contiver nenhum desses objetos então subirá o sujeito. O Verbo português subirá a F° ou não dependendo do sujeito subir ou não. Se subir o sujeito ao spec de f°, o Verbo subirá ao F°. Se o adjunto ou o objeto wh subir, ficará o verbo em t°.

⁶ Ver a representação disso em Oliveira (1996).

1.11. O *f* não tem traço nenhum que possa atrair os Advérbios, portanto não pode haver Advérbio nenhum em umnico spec seu, nem muito menos em seu spec mais alto. O spec mais alto que o Advérbio pode estar em Português é o segundo de *F''* que fica logo acima do vestígio deixado pelo sujeito quando este sobe ao spec de *f''*. Até agora diz-se que o *F''* é capaz de atrair os Advérbios em Português. Nem todas as Línguas do mundo terão um *F''* capaz de atrair os Advérbios, é o caso do Inglês e do Francês. Assim, quando o sujeito em uma interrogativa do Inglês sobe ao spec de *F''* vai para uma posição dentro de um Sintagma para o qual não irá o Advérbio. O próprio Modal do Inglês (ou o Verbo do Francês) estará em *f°*, outro Sintagma para onde não irá o Advérbio.

1.12. A ordem Adv+ S+ Vem Inglês e Francês é, portanto, criada pela atração exercida pelo *t*, enquanto que em Português essa ordem é criada pela atração exercida pelo *F''*. Desta forma, as seguintes frases tornam-se impossíveis em Inglês e Francês

1.12.1. *Really will you do it?

1.12.2. *Will really you do it?

1.12.3. *What really will you do?

1.12.4. *What will really you do?

1.12.5. *Savez réellement vous son nom?

1.12.6. *Réellement savez vous son nom?

1.13. Eis a explicação das diferenças do comportamento dos Advérbios nas interrogativas das diferentes Línguas. Para uma explicação mais detalhada do que ocorre com as negativas e imperativas ver Oliveira (1996). A subida de Verbos para *T°* mesmo se infinitivo é uma característica geral das Línguas Românicas cuja morfologia é bem poderosa. As Línguas Românicas geralmente têm um sistema de concordância até para o infinitivo, sendo que em Português mesmo pode haver um infinitivo com concordância manifesta, o infinitivo pessoal. Em Inglês tal não ocorre e o *V''* fica dentro de outro Sintagma cujo núcleo parece ser a própria palavra *to*:

1.13.1. To hardly speak Italian is normal.

1.13.2. *To speak hardly Italian is normal.

Falar Italiano com dificuldade é normal.

1.14. Daí emergir o fato do Advérbio permanecer na sua posição original de adjunto, isto é, antes do Verbo infinitivo.

6. CONCLUSÕES

1.1. A hipótese de que os Advérbios se movam, segundo Oliveira(1996) parece ter um poder explicativo maior e não precisa de outras hipóteses auxiliares. O único inconveniente possível de tal hipótese é o sistema de traços à primeira vista complexo cuja existência ela obriga supor. Porém, isso não se trata propriamente de uma deficiência da hipótese em si mas de uma relativa ignorância dos fenômenos pertinentes às diferenças entre afirmativas, interrogativas, exclamativas e imperativas. Interrogações e negações sempre foram um assunto complexo para os estudos sintáticos e semânticos.

1.2. O que resta ainda dizer das várias conclusões que tira Oliveira (1996) e este presente trabalho são duas colocações lacônicas:

1.2.1. a inserção de um Sintagma Adverbial como adjunto do Verbo não impede a subida do objeto, pois não a faz violar a condição do menor elo;

1.2.2. os Advérbios movem-se pela estrutura da frase e não se inserem somente por casamento.

BIBLIOGRAFIA

ABE, Koo-ichi (1994). Differences in Adverbial Behavior between English and French: A Minimalist Approach. Harvard Working Papers.

ALLERTON, D.J. & Cruttenden, A. (1973). English Sentence Adverbials: Their Syntax and their Intonation in British English. *Língua*, Volume 34, Número 1.

BLUMENTAL, Peter (1990). Classement des adverbés: Pas la Couleur, rien que la nuance? *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.

BORER, Hagit (1984). Parametric Syntax: Case Study in Semitic and Romance Languages. Foris, Dordrecht. Apud ABE (1994)

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (organizador) (1990). Gramática do Português Falado, Volume I: A Ordem. Editora da Unicamp & Fapesp, Campinas.

_____. (1992) Gramática do Português Falado, Volume II: Os Níveis de Análise. Editora da Unicamp & Fapesp, Campinas.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de & Castilho, Célia M.M. de (1992). Advérbios Modalizadores. In Castilho (organizador) (1992).

CERVONI, Jean (1990). La partie du discours nommée adverbe. *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.

CHAMETZKY, Robert (1993). Chomsky-adjunction. *Lingua*, Volume 93, número 4, agosto de 1994.

_____. (1995) Dominance, precedence, and parametrization. *Lingua* vol.96, pp163-178.

CHOMSKY, Noam (1957). Estruturas Sintáticas. Tradução Madalena Cruz Ferreira. Edições 70, Lisboa.

_____. (1965) Aspectos da Teoria da Sintaxe. Tradução de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Segunda Edição, 1978. Arménio Amado Editor, Coimbra.

_____. (1975) Reflexões Sobre a Linguagem. Tradução de Carlos Vogt, Cláudia Tereza Guimarães de Lemos, Maria Bernadete Abaurre Gnerre, Clarice Sabóia Madureira e Vera Lúcia de Oliveira. Editora Cultrix, São Paulo.

_____. (1982) La Nueva Sintaxis. (título original: Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding). Tradução para o Castelhanho de Santiago Alcoba e Sergio Balari. Primeira edição, 1988. Ediciones Paidós Ibérica, Barcelona.

_____. (1986) O Conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Editorial Caminho, Lisboa.

_____. A Minimalist Program for Linguistic Theory. MIT Occasional Working Papers in Linguistics 1. Posteriormente publicado em Hale & Keyser (organizadores) *The View from Building 20*, 1-52, MIT Press, Cambridge.

_____. Bare Phrase Structure. MIT Occasional Working Papers 5.

_____. The Minimalist Program. MIT Press, Cambridge Massachussets.

- CINQUE, Guglielmo (1996a). Adverbs and The Universal Hierarchy of Functional Projections. Manuscrito.
- _____. (1996b) The 'Antisymmetric' Program: Theoretical and typological Implications. Seminario di Linguistica, Università di Venezia. Manuscrito.
- COSTA, João (1996a). Adverb positioning in English: some more evidence. *Studia Linguistica* volume 50, número 1, abril de 1996.
- _____. (1996b) On the behavior of adverbs in sentence-final context. Manuscrito a ser publicado em *The Linguistic Review*, volume 14, número 1.
- CUNHA, Celso Ferreira da & Cintra, Luís Felipe Lindley (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Segunda Edição, décima nona impressão. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- DUFRESNE, Monique (1993). *L'Articulation Syntaxique et Phonologique de la Cliticisation: Le Cas des Pronoms Sujets en Moyen Français*. Tese de Doutorado, Universidade de Quebec em Montreal.
- FOX, Danny & Sauerland, Uli (1996). Illusive Scope of Universal Quantifiers. Artigo disponível no mural dos autores na internet, <http://web.mit.edu/linguistics/www/grad/LingGrad.lst.html>.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland (1983). Algumas diferenças entre o Português de Portugal e Português do Brasil e a teoria da regência e da vinculação. *Anais do Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa.
- _____. (1989) O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de Uma Pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, número 17, organizado por Charlotte Marie Cambelland Galves, I.E.L. Unicamp.
- _____. (1993) O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In Roberts & Kato (organizadores) (1993)
- GAZDAR, Gerald & Alii (1985). *Generalized Phrase Structure Grammar*. Havard University Press, Cambridge Massachussetes.
- ILARI, Rodolfo (1992). *Linguística Românica*. Editora Ática, São Paulo.
- _____. (1992) Sobre Os Advérbios Aspectuais, in Castilho (organizador) (1992).
- _____. (1992) Sobre Os Advérbios Focalizadores, in Castilho (organizador) (1992).
- ILARI, Rodolfo & Alii (1989). Considerações sobre a Posição dos Advérbios. In Castilho (organizador) (1990).
- JACOBSON, Sven (1964). *Adverbial Positions in English*. AB Studentbok, Estocolomo.
- JACKENDOFF, Ray (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, MIT Press, Cambridge, Massachussetes.
- _____. (1977) *X-bar Syntax: A Study of Phrase Structure*. The MIT Press, Cambridge, Massachussetes.
- KAYNE, Richard S. (1975) *French Syntax: The Transformational Cycle*. MIT Press, Cambridge Massachussetes. Apud Abe (1994)
- _____. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. The MIT Press, Cambridge Massachussetes.
- KANT, Immanuel (1787). *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. Terceira Edição 1987, Editora Nova Cultural, São Paulo.
- KATO, Mary Aizawa & Castilho, Ataliba Teixeira de (1991). Advérbios Modalizadores: um novo núcleo predicador? *Delta*, volume 7, número 1, Puc São Paulo.
- KATO, Mary Aizawa & Nascimento, Milton do (1993). A Representação da Estrutura Sentencial do Português e a Posição dos Aspectuais e Quantificadores. Anpoll.

- LARSON, Richard K. (1988). On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, volume 19, número 3.
- LASNIK, Howard (1995). Case and Expletives Revisited: On Greed and Other Human Failings. *Linguistic Inquiry*, volume 26, número 4, outono de 1995.
- NINIO, Anat (1995). Compiler Grammar: A Dependency-oriented Minimalist Approach. *Theoretical Linguistics*, Volume 21, número 2 e 3.
- NØLKE, Henning (1990a). Presentation. *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.
- _____. (1990b) Recherches sur les Adverbes: bref aperçu historique des travaux de classification. *Langue Française* número 88, Dezembro de 1990 Classification des Adverbes organizado por Henning Nølke. Larousse, Paris.
- NUNES, Jairo Moraes (1995). The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program. Tese de Doutorado, Universidade de Marilândia.
- OLIVEIRA, Antonio Marmo da Cunha (1996). Dos Advérbios. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- POLLOCK, Jean Yves (1989). Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* Volume 20, número 3, Verão.
- PRINCE, Alan & Smolensky, Paul (1993). *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. RuCCS TR-2 To appear, MIT Press. 234pp.ms..
- ROCHETTE, Anne (1991). La Structure D'Arguments Et Les Propriétés Distributionnelles Des Adverbes. *Revue Québécoise de Linguistique*, volume 20, número 1.
- STOWELL, Timothy Angus (1981). *Origins of Phrase Structure*. Tese de Doutorado. MIT.
- WATANABE, Akira (1993). AGR-Base Case Theory and Its Interaction with the A-bar System. Tese de Doutorado. MIT. Apud Abe (1994).